

FICHA TÉCNICA

Título: *Eu Sou Um Gato*

Título original: 吾輩は猫である (*Wagabai wa neko de aru*)

Autor: *Natsume Sōseki*

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2023

Tradução do francês: *Helder Guégués*

Revisão: *Ruben Crasto/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Gato preto com tomateiro, Hiroaki Takahashi, 1931*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, setembro, 2023

Depósito legal n.º 518 739/23

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CAPÍTULO 1

Sou um gato¹. Ainda não tenho nome.

Não faço a mínima ideia de onde nasci. A única coisa de que me lembro é de mim a miar num lugar sombrio e húmido. Foi aí que vi pela primeira vez um ser humano. Além disso, como vim a descobrir mais tarde, ele pertencia à espécie de estudantes residentes², a mais feroz entre todos os humanos. Parece que, por vezes, estes estudantes nos apanham, depois nos magoam e maltratam. No entanto, como na altura não pensava em nada, não fiquei particularmente assustado. Senti apenas uma ligeira impressão quando ele me levantou levemente na palma da mão e, quando o movimento parou um pouco, vi-lhe o rosto; foi provavelmente o meu primeiro vislumbre daquilo a que se chama «homem». Naquele momento tive a sensação de que era uma coisa muito estranha, sensação que ainda hoje tenho. Em primeiro lugar, o rosto, que deveria estar coberto de pelos, era liso como uma chaleira. Conheci muitos gatos desde então, mas nunca mais vi um tão estropiado. Mais: uma enorme protuberância estava mesmo no meio da sua cara e, através dos seus orifícios, soprava baforadas de fumo. Eu estava a sufocar com isso e atormentava-me muito. Recentemente, fiquei a saber que se trata do chamado tabaco, que os homens fumam.

Durante um momento, permaneci confortavelmente instalado na mão do estudante, mas depressa ele se pôs a balançar-me a uma velocidade extraordinária. Eu não sabia se era o estudante que se mexia ou só eu, mas a cabeça girava-me de uma forma terrível e tinha náuseas. Ocorreu-me então que estava perdido e, ao mesmo tempo, houve um ruído surdo que me pôs faíscas nos olhos. As minhas memórias vão até aqui e tento em vão lembrar-me do que aconteceu a seguir.

Quando recuperei os sentidos, o estudante tinha desaparecido. Já não via os meus numerosos irmãos e irmãs. A minha mãe, que me era tão querida, desaparecera. Além disso, ao contrário de onde eu tinha estado até há pouco tempo, este sítio era tão luminoso, que não conseguia manter os olhos abertos. Pensando na estranheza da situação, tentei dar alguns passos, mas senti uma dor atroz. Tinha sido retirado da minha cama de palha e atirado sem mais demoras para uma moita de bambus anões.

Saí a rastejar penosamente e dei por mim diante de um grande lago. Agacho-me em frente a ele, perguntando a mim mesmo o que poderia fazer. Nada se me apresentou. Então ocorreu-me a ideia de ficar por ali um pouco: talvez o estudante viesse à minha procura. Soltei uns miados para ver, mas ninguém apareceu.

Pouco a pouco, o vento começou a soprar sobre o lago e a noite caiu. Comecei a ficar com muita fome e já nem sequer conseguia miar. Resignei-me a ir para um sítio onde houvesse alguma coisa para comer e dei a volta ao lago pela esquerda. Foi muito doloroso, mas cerrei os dentes e, forçando-me a andar, mal consegui chegar a um sítio que cheirava a homem. Com a ideia de que obteria algum resultado se entrasse ali, esgueirei-me para uma casa por uma abertura numa sebe danificada. O destino é misterioso: se não houvesse esta brecha na sebe, eu poderia ter morrido à fome na berma da estrada. Diz-se, com razão, que mesmo um encontro fortuito debaixo de uma árvore não é uma coincidência³. Até hoje, esta abertura na sebe serve-me de passagem quando visito Mike, a gata de pelo branco, preto e castanho que vive na casa ao lado.

Tinha entrado numa casa, mas não sabia o que fazer a seguir. Pouco a pouco, escureceu, fiquei com fome, estava mesmo muito frio e começou a chover. Perante tudo isto, não tive tempo para hesitar mais. Ignorando as possíveis consequências, dirigi-me para um local que me parecia luminoso e quente. Agora que penso nisso, já estava na casa há algum tempo. Foi aqui que tive a oportunidade de ver outros seres humanos além do estudante. A primeira pessoa que conheci foi uma criada chamada O-San. Era ainda mais brutal do que o estudante e, assim que me viu, agarrou-me pela nuca e pôs-me na rua. «Bem, foi um fiasco», pensei, e, fechando os olhos, entreguei-me ao meu destino. Mas não aguentava mais o frio e a fome. Aproveitando o lapso momentâneo de desatenção da criada, voltei a entrar na cozinha. E fui expulso. Assim que fui expulso, voltei a entrar, e assim que voltei a entrar, fui novamente expulso; lembro-me de ter feito

este exercício quatro ou cinco vezes. Foi nessa altura que desenvolvi uma profunda antipatia por O-San. Nos últimos dias, roubei-lhe um *sanma*⁴ e este ato de vingança aliviou-me do que tinha no coração. Estava prestes a ser mais uma vez expulso quando o dono da casa apareceu a queixar-se da confusão e a perguntar o que se passava. A criada virou-se para ele, segurando-me suspenso na mão, e disse-lhe que não sabia o que fazer com este pequeno gato, este vagabundo que voltava à sua cozinha sempre que lhe apetecia. O dono olhou para mim durante um momento, mexendo o pelo preto debaixo do nariz, e depois disse: «Então, deixa-o entrar!», e retirou-se para uma sala próxima. Deu-me a impressão de ser um homem taciturno. A criada, com um ar cheio de despeito, atirou-me para a cozinha, e foi assim que vim a estabelecer os meus penates nesta casa.

O meu dono e eu raramente nos encontramos cara a cara. Parece que é professor⁵. Quando regressa da escola, fecha-se no seu escritório durante o resto do dia e quase nunca sai. A família toma-o por um homem muito estudioso. Ele também finge ser, mas na realidade não é o homem trabalhador que se pensa que é. De vez em quando, entro no escritório dele com pezinhos de gato para dar uma vista de olhos e, muitas vezes, encontro-o a dormir. Por vezes, ele baba-se sobre o livro que começou a ler. Tem um estômago doente, o que lhe dá uma tez amarelo-pálida, e a sua atitude é de rigidez e peso. Mas isso não o impede de ser um grande comilão. Depois de ter engolido a sua copiosa refeição, toma um pouco de *Taka-diastase*⁶ e abre um livro. Ao fim de duas ou três páginas, adormece e baba-se por todo o livro. A rotina habitual, repetida todas as noites. Gato que sou, às vezes penso: um professor tem mesmo uma vida feliz. Se eu renascesse como homem, só queria ser professor. Se tu consegues manter um emprego e dormir tanto, um gato também consegue. No entanto, segundo o meu dono, não há nada mais penoso do que ser professor, e sempre que os seus amigos vão a sua casa, ele queixa-se de uma coisa ou de outra.

Quando vim para esta casa, ninguém gostava de mim, exceto o meu dono. Era rejeitado para onde quer que fosse, e ninguém queria a minha companhia. O facto de ainda não me terem dado um nome mostra como fui negligenciado. Resignei-me a isso e fiz o possível por ficar perto do meu dono, pois foi ele que me deixou entrar em sua casa. De manhã, quando ele lê o jornal, subo sempre para o seu colo. Quando ele dorme a sesta, subo-lhe para as costas. Isto não quer dizer que lhe tenha afeto, mas como não tenho ninguém que cuide de mim, para quem posso correr? Mais

tarde, depois de várias tentativas, escolhi dormir na caixa onde é servido o arroz de manhã, no *kotatsu*⁷ à noite e na varanda nos dias de sol. Mas o que mais gosto é de rastejar para dentro da cama das raparigas à noite e dormir com elas. Elas têm dois e cinco anos e, à noite, dormem as duas na mesma cama. Consigo sempre arranjar um lugar entre elas e fazer a minha própria cama, mas quando uma delas acorda, que problema! Estas rapariguinhas, sobretudo a mais nova, que tem mau feitio, gritam a meio da noite que o gato está ali e começam a chorar a plenos pulmões. Depois, o meu dono, que sofre de problemas estomacais de origem psicossomática, acorda infalivelmente e vem a correr de forma brusca do quarto ao lado. Ultimamente, recebi uns fortes açoites com uma régua.

Quanto mais observo os humanos com quem vivo, mais me sinto inclinado a dizer que são egoístas. As crianças, em particular, cuja cama partilho por vezes, têm um comportamento inexprimível. Quando lhes apetece, põem-nos de cabeça para baixo e de patas para o ar, enfiam-nos a cabeça num saco, atiram-nos de um lado para o outro e metem-nos no forno. Mas se eu tentar mostrar um pouco as minhas garras, eis que toda a família vem atrás de mim para me importunar. Recentemente, estava a afiar um pouco as garras nas esteiras que cobrem o chão: bem, a dona ficou vermelha de raiva e já não me deixou entrar na sala de estar. Bem posso tremer de frio no chão da cozinha, não querem saber. Shiro, que vive na casa do outro lado da rua, e que eu respeito muito, diz-me sempre que nos encontramos que não há nada tão cruel como os homens. No outro dia, Shiro deu à luz quatro gatinhos lindos. Mas, ao terceiro dia, o estudante desta casa levou-os para o lago que fica atrás e atirou-os aos quatro para lá. Shiro contou-me esta história, chorando, e disse que para nós, gatos, podermos concretizar o nosso amor à nossa progenitura e levar uma boa vida familiar, teríamos de lutar com os homens e exterminá-los. Acho que ela tem razão em todos os aspetos. Por outro lado, Mike, da casa ao lado, já não está indignada: os homens não compreendem o direito de posse, diz ela. Na nossa raça, quem primeiro encontrar uma cabeça de sardinha seca ou as tripas de uma tainha tem naturalmente o direito de o comer. Se um de nós não obedecer a esta regra, podemos usar a força. Mas os humanos não parecem estar minimamente conscientes disto e todos os nossos bons achados são pilhados para seu proveito. Usam a sua força para nos roubar sem escrúpulos o que temos direito a comer. Shiro vive com um militar, e o dono de Mike é advogado. Quanto a mim, sou ainda mais otimista

porque vivo em casa de um professor. Basta-me poder viver apenas o dia a dia. Os homens, apesar do seu grande nome, não irão prosperar eternamente. Bah! Paciência, e esperemos que chegue a hora dos gatos.

Esta arbitrariedade dos homens faz-me lembrar uma asneira que o meu dono cometeu devido à sua natureza lunática, e vou contar-lhes. Por natureza, ele não sabe fazer nada melhor do que os outros, mas gosta de se meter em tudo. Compõe *haiku*⁸ e envia-os para a revista *Hototogisu*, escreve poemas em estilo moderno que apresenta à revista *Myōjō*⁹, escreve ensaios em inglês inçados de erros, pratica ocasionalmente tiro com arco, estuda recitativo¹⁰, às vezes até executa umas notas estridentes num violino, mas infelizmente em nada tem êxito. Nem isso, nem a sua doença de estômago o impedem de dedicar toda a sua energia a uma atividade depois de a ter iniciado. Pratica o seu recitativo nas casas de banho, o que lhe valeu a alcunha de *Sire* do Guarda-Roupa na vizinhança; isso deixa-o tranquilo e continua a repetir: «Eu sou Taira no Munemori...»¹¹ «Lá está outra vez o Munemori», dizem os vizinhos, e riem-se. Não sei o que lhe passou pela cabeça, mas cerca de um mês depois de eu ter chegado, num dia de tratamento, voltou todo entusiasmado com um grande embrulho nas mãos. Perguntei-me o que é que teria comprado: era uma caixa de aguarelas, pincéis e papel Whatman. Então, ia deixar os recitativos e os *haiku* para pintar. E, de facto, logo no dia seguinte e durante bastante tempo, não fez outra coisa senão pintar todos os dias no seu escritório, sem sequer fazer uma sesta. Mas, perante o resultado, ninguém podia dizer o que pintara. Ele próprio considerava que não era nada prometededor, porque um dia um dos seus amigos que se interessava por estética foi vê-lo e ouvi-o manter a seguinte conversa:

— Não consigo pintar de forma satisfatória. Quando olhamos para os outros, parece que não é nada, mas quando pegamos no pincel, damo-nos conta de que é muito mais difícil do que se pensa...

O que ele confessou confirmava cabalmente o que eu pensava. O amigo, olhando para ele através das armações douradas dos óculos, respondeu:

— Não se pode pintar bem desde o início. Em primeiro lugar, não se pode pintar numa sala, usando só a imaginação. Outrora, o grande pintor italiano Andrea del Sarto disse: «Para pintar, é preciso reproduzir a Natureza tal como ela é. No céu, os corpos celestes; na terra, as flores cobertas de orvalho. Há aves que voam, animais que correm, peixes dourados em lagos, corvos no inverno sobre árvores emurchecidas. A Natureza é um grande

quadro vivo.» O que achas? Se queres fazer uma pintura digna desse nome, porque não fazes esboços?

— Ah, ah! Andrea del Sarto disse isso? Não sabia. Claro, ele tem razão. É exatamente isso!

O meu dono resplandecia de admiração. Por detrás dos óculos de aro de ouro, surgiu uma centelha de escárnio.

No dia seguinte, dormia eu confortavelmente na varanda, como de costume, quando o meu dono, excepcionalmente, saiu do seu escritório, se sentou atrás de mim e mergulhou numa grande atividade. Isto despertou-me do meu sono e entreabri muito ligeiramente os olhos para ver o que ele estava a fazer: estava ocupado a fazer-se passar por Andrea del Sarto. Não consegui reprimir um sorriso ao ver isto. Ele estava a usar-me como modelo de desenho por causa da graça do seu amigo. Mas eu já dormira o suficiente. Apesar de um grande desejo de bocejar, fui paciente e pensei que seria uma pena estar a mexer-me enquanto o meu dono aplicava toda a sua perícia no manuseamento do pincel. Não acho que o meu tamanho, o meu pelo ou a minha fisionomia sejam superiores aos dos outros gatos. Mas, se não sou uma obra-prima, acho que não tenho nada em comum com a estranha aparição que nasceu do pincel do meu dono. Antes de mais, as cores estavam erradas. Como os gatos persas, tenho um pelo cinzento-claro com um pouco de amarelo, manchado de laca. Parece-me que este é um facto de que não se pode duvidar depois de me verem uma vez. Ora, as cores empregadas pelo meu dono não eram nem o amarelo, nem o preto, nem o cinzento, nem o castanho, nem todas estas cores misturadas. Era apenas uma espécie de cor vaga e única; não consigo pensar noutra expressão. Depois, por alguma razão misteriosa, não havia olhos. Fenómeno talvez compreensível, uma vez que se tratava de um esboço de um gato adormecido, mas como não havia sequer um lugar para sugerir olhos, não se podia determinar se o gato da pintura era cego ou estava a dormir. Pensei para mim próprio que, se este era o ensinamento de Andrea del Sarto, não valia grande coisa, mas não podia deixar de admirar o grande entusiasmo do meu dono. Queria mexer-me o menos possível, mas a bexiga já me incomodava havia algum tempo e todos os músculos me formigavam. Cheguei a um ponto em que não conseguia resistir nem mais um minuto. Cansado, estendi as patas e soltei um longo gemido, esticando o pescoço até ao chão. Nestas condições, já não valia a pena permanecer imóvel. Em todo o caso, eu tinha estragado os planos do meu dono, e fui tranquilamente

tratar dos meus assuntos atrás da casa. Foi então que o meu dono, com uma voz que misturava despeito e raiva, gritou do interior da casa: «Seu animal nojento!» Ele tem o hábito de estar sempre a empregar este «seu» quando fulmina contra as pessoas. Admito que ele não conhece outras formas de insultar, mas acho muito grosseiro chamar-me animal nojento sem saber como tive de me conter. Se ele me fizesse um pouco de boa cara quando lhe subo para as costas, não me queixaria muito deste ultraje. Mas é um golpe duro ser chamado animal nojento porque me quis aliviar; ele nunca me deu de bom grado nada em meu proveito. É da natureza dos homens tornarem-se presunçosos e orgulharem-se da sua força. A não ser que alguém mais poderoso do que eles pareça molestá-los um pouco, até onde irá a sua presunção? Se os seus caprichos não fossem mais longe, ainda seriam suportáveis, mas chegaram-me aos ouvidos histórias ainda mais lamentáveis da sua falta de escrúpulos.

Atrás da casa onde vivo, há uma área de cerca de trinta metros quadrados plantada com chá. Não é grande, mas é relaxante e agradavelmente soalheira. Quando as crianças estão a fazer demasiada algazarra para que eu consiga dormir, quando estou demasiado aborrecido ou tenho o estômago pesado, costumo ir lá para relaxar a mente. Era um dia tranquilo de verão de São Martinho, por volta das duas horas da tarde. Depois de uma agradável sesta após a refeição do meio-dia, dirigi-me para o campo de chá para fazer algum exercício. Cheirando cada planta conforme avançava, cheguei a uma sebe de criptomérias no lado oeste, onde se encontrava um grande gato adormecido sobre uns crisântemos murchos. Como se não tivesse reparado na minha aproximação, ou como se fosse indiferente, continuava a dormir, esticado e a ressonar alto. Não pude reprimir o meu espanto perante tal audácia: como é que alguém podia dormir tão tranquilamente num jardim onde se introduzira clandestinamente? Era um verdadeiro gato preto. O sol, que já passava do meio-dia, lançava sobre ele raios transparentes e minúsculas chamas pareciam brotar-lhe do pelo flexível e brilhante. Era de uma estatura enorme, que lhe teria valido o título de Rei dos Gatos: tinha certamente o dobro do meu tamanho. Enquanto eu estava ali a admirá-lo e a ficar curioso, o vento de outono da sebe de criptomérias acariciava suavemente os ramos das estercúlias e duas ou três folhas caíram, frufrolhando, sobre o canteiro de crisântemos emurchecidos. O Rei abriu de repente os seus olhos redondos. Ainda me lembro deles: reluziam com um brilho mais magnífico do que o âmbar tão apreciado pelos homens.

Não se mexeu, mas concentrou o brilho que brotava do fundo dos seus olhos na minha pequena testa e perguntou:

— Quem és tu?

Vinda de um Rei, a sua linguagem pareceu-me um pouco vulgar, mas na sua voz havia uma força que teria deitado abaixo até mesmo um cão, o que me inspirou algum receio. Todavia, considerando arriscado não o saudar, respondi-lhe, esforçando-me por fingir uma indiferença tranquila:

— Sou um gato. Ainda não tenho nome.

Na realidade, o coração batia-me mais depressa do que o habitual. Num tom esmagador de desprezo, retorquiu:

— Um gato? Tu? O que temos de ouvir! E onde é que moras?

Ele era mesmo insolente.

— Vivo na casa do professor, aqui.

— Bem me parecia, estás todo entusiasmado.

Sendo o Rei que era, fez um pouco de pose, mas pela sua linguagem, não vinha certamente de boa família. No entanto, o seu aspeto roliço e brilhante indicava que devia ter comido e vivido bem. Não pude deixar de lhe perguntar:

— E tu quem és?

Ele respondeu com orgulho:

— Eu sou o Kuro, da casa do carroceiro.

Kuro, que vivia em casa do carroceiro, era um vândalo conhecido por toda a gente do bairro. No entanto, vindo de casa de um carroceiro e condutor de riquexó, só tinha força e uma total falta de educação, pelo que ninguém se aproximava dele. Era um indivíduo que toda a gente decidira evitar. Quando lhe ouvi o nome, senti um ligeiro arrepio de desprazer e uma certa condescendência surgiu em mim. Querendo logo dar-me conta a que ponto era ignorante, fiz-lhe algumas perguntas.

— Pergunto a mim mesmo: quem é mais importante, um carroceiro ou um professor?

— O carroceiro é o mais forte, isso é ponto assente. Repara no teu dono: é um saco de pele num feixe de ossos.

— Também pareces forte, a viver com um carroceiro. Deves ter muitas coisas boas para comer...

— Eu? Posso ir para qualquer lado, nunca vou ter dificuldade em encontrar comida. Porque não me segues por uns tempos em vez de andares

às voltas neste campo de chá? Dentro de um mês estarás tão gordo que ninguém te reconhecerá.

— Mais tarde talvez te peça. Mas parece-me que um professor vive numa casa maior que a de um carroceiro...

— Vai para o diabo! Uma casa tão grande quanto desejas não te enche a barriga!

Parecia muito irritado e, abanando repetidamente as orelhas pontiagudas como bambus afiados, foi-se embora sem mais delongas. Foi assim que conheci o Kuro do carroceiro.

Depois disso, voltei a encontrar-me com ele várias vezes. Em cada um desses encontros, ele lançava-se em jactâncias típicas de um carroceiro. De facto, foi Kuro que me deu o assunto que mencionei atrás, em que transparece a falta de escrúpulos dos homens.

Um dia, como de costume, Kuro e eu estávamos sentados no pequeno campo de chá onde estava calor e conversávamos disto e daquilo. Depois de repetir as suas bravatas como se eu não as conhecesse, perguntou-me:

— Quantos ratos já apanhaste até agora?

Orgulho-me de ter conhecimentos muito mais avançados do que Kuro, mas no que toca a força e valentia, não me posso comparar com ele. Já me tinha decidido, mas ainda me sentia embaraçado com a pergunta. No entanto, factos são factos, e como não lhe podia mentir, respondi:

— Bem, eu gostava de os apanhar, mas ainda não consegui.

Kuro soltou uma gargalhada alta que fez com que os longos bigodes plantados na ponta do seu focinho se contorcessem. Ele é um pouco simplório, como todos os que se vangloriam, e desde que se ouça com atenção e ronrone como se admirássemos as suas bravatas, é fácil de manipular. Tendo descoberto este truque como resultado dos nossos encontros, teria sido estúpido agravar a situação procurando desculpas para a minha falta de aplicação, e resolvi sair da situação deixando-o contar as suas proezas. Instei-o gentilmente a fazê-lo:

— Com a experiência da tua idade, deves ter apanhado muitos.

Como era de esperar, ele caiu na armadilha.

— Não tantos, mas cheguei a apanhar trinta ou quarenta — respondeu, triunfante. E continuou: — De cem ou duzentos ratos dou eu conta, mas as doninhas são um pouco de mais para mim. Uma vez, passei um mau bocado com uma doninha.

— E depois? — interrompi.

Piscando os seus grandes olhos, ele prosseguiu:

— Foi na altura da grande limpeza¹² da casa no ano passado. O meu dono tinha-se esgueirado para debaixo da varanda com um saco de cal, e eis que uma grande doninha estava a sair da lenha...

— Ah, ah! — admirava-me eu.

— Uma doninha não é mais do que um rato grande. Digo para mim próprio «por amor de Deus» e vou atrás dela. Finalmente, encurralei-a numa vala.

— Muito bem! — aplaudi.

— Mas depois, quando eu estava prestes a acabar com ela, esta doninha nojenta soltou o seu peido das situações desesperadas. Fiquei de tal forma empestado, que, desde então, sinto-me maldisposto sempre que vejo uma doninha.

Esfregou o nariz duas ou três vezes com a pata dianteira, como se ainda cheirasse ao fedor do ano anterior. Tive um pouco de pena dele e, para o animar, disse-lhe:

— Mas os ratos não devem ter hipótese contra ti. És um grande caçador, e talvez seja por só comeres ratos que és tão grande e tens o pelo tão luzidio...

Por estranho que pareça, esta pergunta destinada a lisonjeá-lo teve o efeito contrário. Ele disse, com um grande suspiro:

— Se pensarmos bem, não há nada de interessante nisso. É bom apanhar ratos... Em suma, não há nada mais aprumado do que os homens. Pegam nos ratos que foram apanhados e levam-nos para a esquadra da polícia. Na esquadra, não se sabe quem os apanhou e, de cada vez, a polícia dá cinco sen¹³ por cada rato. Por exemplo, o meu dono já ganhou um iene e cinquenta sen graças a mim, mas nem por isso me deu alguma coisa decente para comer. Como vês, os homens são verdadeiros ladrões.

Apesar da sua ignorância, Kuro conseguia pelo menos compreender isto. Com um ar furioso, escovou o pelo das costas. Como me estava a chegar um certo mal-estar, consegui deixá-lo com um pretexto plausível e fui para casa. Desde então, decidi nunca apanhar ratos. Mas também não estou à procura de outras coisas boas como protegido de Kuro. Para mim, acho mais agradável dormir do que comer bem. Parece-me que quando um gato vive com um professor, assume o mesmo carácter dele. Se não tiver cuidado, ainda fico com dores de barriga.

Por falar em professores, o meu dono parece ter enfim compreendido nestes últimos tempos que nada pode esperar na aguarela. Eis o que ele escreveu no seu diário com data de 1 de dezembro:

Conheci um homem chamado *** na reunião de hoje. Dizem que é muito debochado e, de facto, a sua aparência é a de uma pessoa vivaz. As pessoas com o seu temperamento são amadas pelas mulheres, pelo que seria mais correto dizer que as circunstâncias o levaram à devassidão. Diz-se que a sua mulher é uma antiga gueixa, pelo que ele tem muita sorte. Aqueles que criticam os devassos são, em grande parte, pessoas que não têm o poder de se tornarem devassos. Além disso, entre os que se apresentam como devassos há muitos que não são capazes de o ser. Eles fazem esforços desesperados para o conseguir, quando as circunstâncias estão contra eles. É exatamente o mesmo que acontece com as minhas pinturas a aguarela: não há maneira de dominar a técnica. E, no entanto, essas pessoas assumem o ar superior do homem com êxito. Se podes fingir ser esse tipo de homem porque vais beber a cabarés ou frequentas casas de encontros, eu também posso fingir ser aguarelista. Da mesma maneira que eu faria melhor em não tentar pintar com aguarela, um campónio é muito superior a esses estúpidos galãs.

Tenho algumas objeções à teoria do meu dono sobre os homens de sucesso. Por outro lado, o facto de ele invejar uma esposa antiga gueixa é um disparate que, como professor, deve manter em silêncio, mas a sua autocrítica sobre as suas aguarelas não deixa margem para contestação. Ele tem algumas luzes sobre as suas capacidades reais, mas tem dificuldade em libertar-se da sua elevada opinião sobre si próprio. Eis o que escreveu no seu diário três dias depois, a 4 de dezembro:

Ontem à noite fiz uma aguarela, mas não me pareceu semelhante a nada. Depois sonhei que alguém estava a pôr as telas que eu tinha abandonado numa moldura bonita e a pendurá-las no friso por baixo do teto¹⁴. Ao vê-las emolduradas, senti-me de repente um bom pintor. Fiquei muito feliz e não conseguia parar de olhar para elas, pensando em como eram magníficas, mas quando o dia nasceu, acordei e era tão claro como o sol da manhã que eu continuava a ser um pobre pintor.

O meu dono parece transportar o seu infeliz apego à pintura para os seus sonhos. Com tal disposição, decerto não pode tornar-se pintor, nem um homem de sucesso, como pretende o senhor professor.

No dia seguinte àquele em que sonhara com as suas aguarelas, o esteta de óculos de aros dourados visitou-o após um longo silêncio. A primeira coisa que fez quando se sentou foi perguntar:

— Como vai a tua pintura?

O meu dono respondeu calmamente:

— Segui o teu conselho e estou a trabalhar em alguns esboços. E, de facto, parece que estou a encontrar formas e mudanças subtis de cor em que não tinha reparado antes. No Ocidente, é porque sempre se insistiu nos esboços que se alcançaram os progressos dos dias de hoje. Andrea del Sarto era um grande homem.

Voltou a elogiar Andrea del Sarto, sem dizer uma palavra sobre o que escrevera no seu diário. O esteta, coçando a cabeça com um sorriso, disse:

— Na verdade, eu disse um monte de coisas...

— O que queres dizer? — perguntou o meu dono, ainda sem compreender que tinha sido vítima de uma partida.

— Bem, Andrea del Sarto, que tanto admiras... É uma história que inventei do nada. Não pensei que a levasses tão a sério... Ah, ah, ah, ah!

O esteta não se continha de tão contente. Eu estava a ouvir esta conversa na varanda e não conseguia deixar de imaginar o que iria ser escrito hoje no diário do meu dono. Este esteta encontra o seu único prazer em mistificar as pessoas inventando uma história qualquer. Sem parecer considerar minimamente o efeito do caso de Andrea del Sarto nos sentimentos do meu dono, continuou orgulhosamente:

— Quando conto assim as piadas, as pessoas levam-nas por vezes a sério, o que estimula muito o sentido da beleza da comédia. Que emocionante! No outro dia, contei a um aluno que o Nicholas Nickleby¹⁵ aconselhara Gibbon¹⁶ a deixar de escrever a obra da sua vida, a *História da Revolução Francesa*, em francês e a publicá-la em inglês. Este estudante, que tem uma memória de elefante, repetiu seriamente o que eu lhe tinha dito numa conferência da Sociedade de Letras Japonesa. Foi cómico! E, com isto, havia uma centena de ouvintes, de ouvidos bem abertos, que não perdiam uma palavra... Mas aqui vai outra boa: recentemente, numa reunião em que participou um homem de letras, falou-se do romance histórico *Theophano*, de Harrison¹⁷, e eu disse que era o melhor de todos os romances do género. «Em particular», acrescentei, «a parte em que a heroína morre provoca um arrepio na espinha.» Foi então que este senhor, sentado à minha frente, que nunca admitiu a sua

ignorância sobre nada, concordou comigo, dizendo que era esplêndido. Deduzi que, tal como eu, ele nunca lera o romance.

O meu dono com problemas no estômago perguntou, com os olhos redondos:

— Depois de contares estas invenções, o que é que terias feito se ele tivesse lido o livro?

Parecia não ver mal nenhum em enganar as pessoas, e preocupar-se apenas com o embaraço que resultaria para o brincalhão se o engano fosse descoberto. O esteta não hesitou nem um pouco:

— Bem, nesse caso, teria dito simplesmente que o confundira com outro livro, por exemplo — disse ele com uma grande gargalhada.

Este esteta usa óculos de aros dourados, mas o seu carácter tem muito em comum com o de Kuro. O meu dono, sem dizer nada, fazia anéis de fumo com o *Hinode*¹⁸, com uma expressão no rosto que sugeria que não teria coragem para este tipo de brincadeira. O esteta, com um olhar que significava «é por isso que não consegues pintar», continuou:

— Brincadeiras à parte, pintar é realmente difícil. Diz-se que Leonardo da Vinci ensinou os seus discípulos a reproduzir uma mancha numa parede de uma igreja. E, de facto, se olharmos atentamente para uma parede de armários onde a chuva se infiltra, encontraremos alguns padrões notáveis produzidos de forma natural. Devias fazer alguns esboços cuidadosos e é provável que encontres alguma coisa interessante.

— De certeza que ainda estás a brincar comigo.

— De maneira nenhuma! Desta vez estou a falar a sério. Não achas que é um conselho original? O próprio Leonardo da Vinci poderia tê-lo dado.

— Original, de facto, é — resmungou o meu dono, meio rendido. Mas, ao que parece, ainda não fez nenhum esboço nos armários.

Pouco tempo depois, Kuro começou a coxear. O seu pelo brilhante perdeu pouco a pouco o brilho e começou a cair. Os olhos, que eu achava mais bonitos do que o âmbar, encheram-se-lhe de remelas. O que mais me impressionou foi a diminuição da sua vitalidade e o declínio físico.

No último dia em que o encontrei no campo de chá, perguntei-lhe como andava:

— Peido de doninha e a vara de peixeiro, já tenho os dois — respondeu-me.

Entre os pinheiros-vermelhos-do-japão, as folhas de outono, com dois ou três tons de carmesim, caíam como se tivessem sido apenas um sonho distante, e as camélias *sasanqua*, que tinham dispersado as suas pétalas

brancas e vermelhas à volta da pequena bacia de pedra, pereceram. Os raios do sol de inverno inclinaram-se rapidamente pela varanda de seis ou sete metros virada a sul e, quando os dias em que a brisa de inverno não soprava se tornaram raros, senti que as minhas horas de sesta estavam doravante limitadas.

O meu dono vai todos os dias para a escola. Quando regressa, fecha-se no seu escritório. Quando vem uma visita, queixa-se incessantemente do seu estatuto de professor. Agora só pinta aguarelas. Abandonou o *Taka-diastase* com o pretexto de que não faz efeito. As crianças, com uma certa constância, vão para o infantário. Quando regressam, cantam as canções aprendidas na escola, jogam à bola de vez em quando e atiram-me ao ar pela cauda.

Como não como muitas coisas boas, não engordo muito, mas tenho uma saúde bastante boa; não coxeio e deixo-me viver o dia a dia. Nunca apanho ratos. Continuo a odiar a criada, O-San. Ainda não me deram um nome, mas não há limites para o que se pode fazer se se quiser, e conto acabar os meus dias na casa deste professor como gato sem nome.